Tragédia em Princesa (PB): Assassinato de Ildefonso Augusto Lacerda Leite (1876 – 1902)

Melquíades Pinto Paiva*
Cristina Couto**

Os autores nasceram e se criaram em Lavras da Mangabeira, velha e outrora turbulenta cidade do sul do Ceará, situada às margens do rio Salgado (Macedo, 1979, 1984).

Nos anos ali vividos, ocasionalmente ouviram falas sobre o assassinato do médico Ildefonso Augusto Lacerda Leite (1876 – 1902) – (Figura 1), na vila de Princesa (PB), em 6 de janeiro de 1902. Foram seus pais Luís Leônidas Lacerda Leite (? – 1889) e Joana Augusto Leite (Joaninha) (1857 – 1927) – (Figura 2).

Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1900, com a tese "*Ensaios de philosophia natural*" (Leite, 1900).

Figura 1 – Ildefonso Augusto Lacerda Leite (Lavras – CE, 08/01/1876 – Princesa – PB, 06/01/1902). Acervo familiar.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará e do IHGB.
** Secretária Municipal de Cultura de Lavras da Mangabeira.

Figura 2 – Casal Luís Leônidas Lacerda Leite (Pombal – PB – Lavras – CE, 18/02/1889) e Joana Augusto Leite (Lavras – CE, 08/02/1857 – Lavras – CE, 22/11/1927). Cortesias de José Emerson Monteiro Lacerda e Vicente Ferrer Augusto Gonçalves.

Havia uma certa conspiração de silêncio sobre a morte trágica do primeiro neto de Fideralina Augusto Lima (1832 – 1919) – (Figura 3), principal personagem da história política lavrense (Gonçalves, 1991; Paiva, 2008).

Parecia que o bárbaro crime estava fadado a ser esquecido, oculto pela poeira do tempo. Apenas as pessoas mais idosas dele se lembravam. Mistérios, contradições e dúvidas rondavam em torno do assunto.

No final da primeira década do século (1910), apareceu notícia sobre o crime de Princesa no famoso dicionário do Barão de Studart (volume primeiro: 382), repetindo informações constantes no memorial de Campos (1902).

É verdade que foi publicado um folheto da autoria de Gentil Augusto Lima (1959), edição do autor, de restrita circulação, com a mesma versão do memorial de Campos (1902), já passados 56 anos após o crime.

Este ficou mais conhecido e discutido depois do ano de 1990, quando foi publicado o livro seminal de Joaryvar Macedo, com segura abordagem

sobre o coronelismo no sul do Ceará (Macedo, 1990). Entretanto, nos anos seguintes, pouco tem sido escrito sobre tal crime, sem acrescentar novos saberes.

Na Paraíba, o assassinato do jovem médico teve repercussão logo após o delito, em virtude de memorial publicado (Campos, 1902) – (Figura 4), notícias de jornais e informações judiciárias. Entretanto, o mesmo silêncio ali se observou, interrompido somente na década de 70 (Almeida, 1979) e depois no final do século (Teixeira Neto, 1999).

Houve seleção das informações disponíveis, com o descarte daquelas consideradas inverídicas, ou mesmo absurdas. Depois, elas foram analisadas e integradas, de acordo com plano previamente estabelecido para o texto do trabalho. Este é o seu mérito, que justifica a publicação. Os autores buscam maior aproximação com a verdade!

Informações paraibanas

As informações paraibanas que temos sobre a tragédia em foco, foram obtidas em/de fontes escritas e relatos de pessoas sabedoras dos acontecidos em Princesa, por meio de pesquisas de campo feitas por Cristina Couto (coautora) e por troca de mensagens eletrônicas.

Figura 3 – Fideralina Augusto Lima (Lavras – CE, 24/02/1832 – Lavras – CE, 16/01/1919). Cortesia de Vicente Ferrer Augusto Gonçalves.

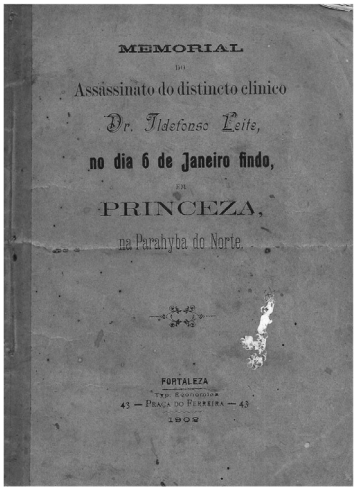

Figura 4 – Capa do folheto da autoria de Erasmo Alves Campos, sobre a tragédia de Princesa (PB). Obra rara, pouco conhecida.

Das fontes escritas, são destacados os seguintes textos, com os seus respectivos autores e comentários pertinentes.

* Memorial de Erasmo Alves Campos (1902) – (Figura 4), sogro do médico assassinado, dirigido ao Chefe de Polícia do Estado da Paraíba, sobre o crime praticado em Princesa.

* Discurso de Maurílio Augusto de Almeida, na sua posse na Academia Paraibana de Letras (1979).

* Discurso de Dorgival Teixeira Neto, pronunciado na Academia Paraibana de Letras (1999), adotando a versão do memorial de Campos (1902).

* Artigo de Dorgival Teixeira Neto, publicado no centenário da morte do médico, com informações já bem conhecidas (2002).

* Livro eletrônico de Tião Lucena (2010), que abriga crônica histórica e pitoresca, romanceada, da vila de Princesa no início do século XX. É obra de agradável leitura, mas não esclarece mistérios que se relacionam com o assunto deste trabalho, contendo erros de fácil observação, deixando sem comentários aspectos relevantes da tragédia.

* Livro de Ada Florêncio Barros da Nóbrega (2013), com um capítulo sobre o crime (pp. 136 – 143). Registra relatos orais feitos por seu

avô Feliciano Rodrigues Florêncio e pai de José Polycarpo de Andrade, ambos envolvidos nos acontecimentos comentados.

Também, fragmentos das notícias e do processo judiciário, em jornais da cidade da Parayba (atual João Pessoa), obtidos em coleções depositadas no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, sujeitos a precária conservação.

Informações escritas e orais nos foram dadas por Célia Maria Campos (<e-mail:celiamcampos@gmail.com>) e pelo historiador Francisco de Carvalho Florêncio (e-mail: <fflorencio@gmail.com>. Chamadas no texto: CMC e FCF.

A vítima do crime

Fideralina Augusto Lima (Figura 3) era filha do tenente-coronel João Carlos Augusto (1804/1805) – 1856) e de sua mulher Isabel Rita de São José (1815 – 1889). O casal deu começo ao clã dos Augustos (Macedo, 1971).

Ela se casou com o capitão da Guarda Nacional Ildefonso Correia Lima (1828 – 1876). A filha Joana Augusto Leite (Joaninha) – (1857 – 1927) foi casada com Luís Leônidas Lacerda Leite, gente de Pombal (PB), falecido em 1889 (Figura 2).

Este último casal teve como primogênito Ildefonso Augusto Lacerda Leite, e mais 10 outros filhos, entre homens e mulheres. O pai desta prole foi Juiz de Paz em Lavras, vereador e presidente de sua Câmara Municipal.

Ildefonso formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1900). No ano seguinte, se instalou na vila de Princesa (PB), tendo consultório e farmácia. Logo se casou com Dulce Florentino Campos, filha do capitão Erasmo Alves Campos e Belmira Florentino Campos (Figura 5).

Ida para Princesa

Há o mistério de ter Ildefonso ido clinicar em Princesa, pois não tinha ali raízes familiares, parente(s), nem amigo(s); a vila era atrasada, pobre e sem vida social/cultural atraente. Acresce que grassava um surto epidêmico da peste na vila, com riscos acentuados de contaminação. Bem podia ter ficado no sul do Ceará, território de coronéis (Galeno, 1988;

Macedo, 1990), protegido pela poderosa avó materna. O pai era paraibano de Pombal, mas havia morrido em 1889, como acima referido.

Embora não possuindo familiares em Princesa, os tinha na área do sudoeste da Paraíba, como o tenente-coronel José Cavalcanti de Lacerda (Zuza Lacerda), a irmã Emília Augusto Leite Cavalcanti, casada com João Cavalcanti Sula (major Sula), de Misericórdia, hoje Itaporanga. Eles tinham boas relações com as principais famílias de Princesa (FCF).

A peste que então penalizava a vila era a peste dos roedores. As pulgas transmitem a doença entre eles e ao homem. Doença transmissível, ordinariamente epidêmica, de alta letalidade. Houve forte surto da peste em todo o nordeste brasileiro, no início do século XX, com registros de numerosos casos em Princesa (Parahym, 1961).

Ildefonso Augusto Lacerda Leite foi o primeiro médico residente naquela vila, o que possivelmente influenciou na decisão adotada de ali exercer sua profissão.

Figura 5 – Casal Erasmo Alves Campos (Brejo da Madre de Deus – PE, 1859 – Recife – PE, 1941) e Belmira Florentino Campos (Princesa – PB, 1867 – Princesa – PB, 07/01/1902). Cortesia de Célia Maria Campos.

Fala-se que o real motivo da ida para Princesa foi o interesse pelo estudo das endemias tropicais (CMC), o que tem suporte na realidade então observada.

O chefe político situacionista da vila, era o coronel Marcolino Pereira Lima (São João do Rio do Peixe – PB, 22/06/1840 – Princesa – PB, 11/09/1905) – (Mariano, 2015).

Motivos do crime

Uma tragédia deste porte não pode ter sido causada por um único e simples motivo. Temos que destacar problemas políticos, com a presença de dois forasteiros de comprovado sucesso econômico. Erasmo Alves Campos veio de Brejo da Madre de Deus (PE), casou-se com Belmira Florentino, da família que dominava política e economicamente a região, desde a década de 60 (século XIX), tornando-se rico comerciante de algodão (FCF); Ildefonso Augusto Lacerda Leite, prestigiado na comunidade local como médico humanitário e competente. Portanto, independentes de chefe(s) político(s) da vila. Além disto, ambos eram maçons, incompatibilizando-se com o vigário local.

A presença do doutor trouxe prejuízos para diversas pessoas: atrapalhou a vida do "farmacêutico", de "raizeiros" e "rezadores"; do próprio padre, que "vendia" bênçãos e rezas dadas aos doentes, dizendo curá-los (Ventura, 2010).

A causa imediata decorreu de amor contrariado, um crime passional. Vingança de quem não conseguiu a mulher desejada!

Tudo começou com a rejeição do pedido de casamento, feito por Manoel Florentino de Andrade, sobrinho da mulher de Erasmo Alves Campos, com sua filha Dulce Florentino Campos (1900). Tido como "indivíduo mal intencionado, mas audacioso" (Campos, 1902), o suplicante contou com a alcovitice explícita e intensa do vigário, padre Manoel Raymundo Nonato Pitta, o verdadeiro fermento da tragédia.

Tal desilusão foi aumentando, perigosamente, à medida que se sucediam os seguintes fatos: nomeação de Florentino para o cargo de Delegado de Polícia do Termo; chegada, namoro, noivado e casamento de Ildefonso com Dulce (1901); prestígio do forasteiro na comunidade por ele adotada, causando inveja aos seus desafetos.

Chegando-se à situação extrema de ódio, decidiu-se pela morte de Ildefonso, para tanto se procurando um pretexto, logo encontrado. Este foi o suposto envenenamento de Manoel Rodrigues Florentino e de Lúcio Rodrigues Florentino, respectivamente, avô e tio de Manoel Florentino de Andrade, causado por remédio preparado e ministrado pelo médico.

Execução do crime

O crime ocorreu no fim da tarde de 6 de janeiro de 1902, no centro da vila, entre a residência e a farmácia da vítima (Figuras 6). Foi praticado à traição, com requintes de crueldade, pura selvageria! Dele participaram Manoel Florentino de Andrade, que estava bem alcoolizado, seu primo José Polycarpo Florêncio, o pai deste último, Feliciano Rodrigues Florêncio, e outros. Contou com o acumpliciamento do Juiz de Direito da Comarca, Antônio Dias Pinto, amigo do padre e do delegado. Durante a matança, o fatídico vigário permaneceu incentivando os sicários, aos gritos de "morra doutor".

Há versão que nega a participação direta de Feliciano Rodrigues Florêncio (1852 – 1945) na execução do crime (Nóbrega, 2013).

Figura 6 – Antiga Rua do Comércio de Princesa (PB). O crime ocorreu neste local, próximo à residência de Ildefonso Augusto Lacerda Leite, que ficava na rua transversal, ao fundo. Foto de 1930. Cortesia de Francisco de Carvalho Florêncio.

Consequências imediatas

Houve a intenção dos dois principais criminosos de promover a chacina de Erasmo Alves Campos e de sua família, após a consumação do assassinato do médico, o que não se efetivou pela proteção que lhes deu Feliciano Rodrigues Florêncio, postando-se em frente à residência de Erasmo (Figura 7), conforme postula sua neta escritora (Nobrega, 2013).

Como relata o sogro do médico (Campos, 1902), as imediatas consequências do crime foram as seguintes: fuga para Misericórdia (PB), para não morrer também, abrigando-se na casa do tenente-coronel e deputado estadual José Cavalcanti de Lacerda (Zuza Lacerda), na fazenda São José dos Currais Velhos – agora sede do município de Curral Velho. A morte da sogra, Belmira Florentino Campos, ocorreu no dia seguinte após o crime, de enfarto do coração – ironia do destino: a extrema unção lhe foi ministrada pelo diabólico vigário, acolitado pelo sobrinho assassino do seu genro. Então tinha 35 anos de idade!

Não se fala dos destinos dados aos patrimônios de Erasmo e Ildefonso, nem sobre a sobrevivência de Dulce Campos Leite (nome de casada).

Hoje sabemos que ela concluiu a gravidez, que não ficou louca. A filha – Cecília Campos Leite (Figura 8), nasceu em Brejo da Madre de Deus (PE), em 8 de fevereiro de 1902, e morreu no Recife (PE) de tifo, em 9 de agosto de 1925 – viveu pouco mais de 23 anos (CMC).

Figura 7 – Fachada modificada da casa onde residiu Erasmo Alves Campos, em Princesa (PB). Foto de Cristina Couto (2014). A casa vizinha, ao lado direito, era a residência do seu genro, depois demolida. No espaço aberto, agora fica a Travessa Ferreira Dias (FCF).

Figura 8 – Cecília Campos Leite, ainda criança (Brejo da Madre de Deus – PE, 08/02/1902 – Recife – PE, 09/08/1925).

Após o assassinato do marido, Dulce Campos Leite procurou abrigo no seio da família paterna. Casou-se com 15 anos e logo enviuvou, não mais tentando novo matrimônio; faleceu aos 82 anos de idade (1886 – 1968) – (Figura 9). Cuidou dos seus sete irmãos (três homens e quatro mulheres). Era natural de Princesa (PB) e morreu no Recife (PE) – (CMC).

É certo que Dulce procurou a Justiça, com a intenção de punir os criminosos do marido, com resultado desfavorável.

Erasmo voltou à terra natal (FCF). Os dois principais criminosos fugiram para a serra da Baixa Verde (Triunfo – PE), onde também grassava surto da peste (Nobrega, 2013).

Manoel Florentino de Andrade era natural de Princesa (PB), filho de Belarmina Florentino, irmã de Belmira, casada com Erasmo, portanto, primo legítimo de Dulce. Aos 21 anos de idade foi nomeado Delegado de Polícia do Termo, por conta do prestígio político da família. Faleceu 6 meses após o crime (Nobrega, 2013; FCF).

José Polycarpo de Andrade também era natural de Princesa (PB), filho de Feliciano Rodrigues Florêncio. Portanto, primo legítimo de Ma-

noel Florentino de Andrade pelo lado paterno. Ex-aluno do Seminário Episcopal da cidade da Parayba (PB), tinha 21 anos quando cometeu o crime (Nóbrega, 2013; FCF). Não era vivo em 17 de maio de 1903, data da conclusão do processo judiciário interposto por Dulce Campos Leite.

Manoel Florentino de Andrade faleceu em julho de 1902, em Triunfo, e lá foi sepultado; José Polycarpo Florêncio morreu em fevereiro de 1903, também em Triunfo, onde foi enterrado (FCF).

É possível que ambos os criminosos tenham ido para lugar(es) distante(s), onde mudaram de identidades, para fugirem às penas da Justiça, como era tão comum na época.

A vingança da matriarca

"Enquanto a má nova se espalhava em Lavras da Mangabeira, tomada da mais explicável indignação, dona Fideralina adotava as providências, a fim de vingar a morte do neto. Para tanto, recrutou elementos das localidades vizinhas, que com os seus, perfizeram um efetivo de cerca de cem cabras. Armados e municiados, após receberem, no pátio da casa-grande do Tatu, as instruções ditadas pela velha matriarca,

Figura 9 – Dulce Campos Leite, próxima aos seus 80 anos de idade (Princesa – PB, 1886 – Recife – PE, 1968) – (CMC).

Partiram eles em direção da Paraíba. Levaram consigo uma ordem grave: só voltarem de Princesa depois da vingança cruel. O batalhão de dona Fideralina foi comandado por Zuza Lacerda". (Macedo, 1990:57). Segundo Dimas Macedo (comunicação pessoal), o comando do batalhão foi entregue ao jagunço Zuca Febrôncio.

A respeito deste "batalhão", podemos levantar algumas suposições:

– trata-se de pura lenda, pois ele nunca existiu, dada a falta de testemunhos da sua organização e/ou documentos comprobatórios;

– no caso de existência real, bem podia ser comandado por Zuza Lacerda – um coronel sertanejo que se prestou a ficar à frente de bandos de jagunços, em suas lutas políticas (Pinto, 1994);

– mesmo que tenha existido, o "batalhão" nunca chegou ao seu destino, por ter havido entendimentos entre o coronel Marcolino Pereira Lima, maior chefe político de Princesa, e Zuza Lacerda, no sentido de aplacar o desejo de vingança da matriarca, em face da morte do principal criminoso, Manoel Florentino de Andrade.

A hipótese mais congruente com a personalidade de Fideralina Augusto Lima é a seguinte: a matriarca, para afirmação do seu poder e da indignação com o crime, tinha que reagir ao ultraje sofrido pelo assassinato do neto. Assim, entrou em contato com os coronéis paraibanos, seus amigos, e planejou, com eles, a forma da vingança, pela organização do "batalhão" e sua saída de Lavras. Deste modo, seu povo tomaria conhecimento da poderosa reação. Ao sair do seu "território", o "batalhão" iria estar sob o comando de Zuza Lacerda.

Podemos registrar que, independente do resultado, a existência desse "batalhão" permanece na memória sertaneja, assim, contribuindo para a já lendária imagem de Fideralina Augusto Lima.

Final da tragédia

Em 17 de maio de 1903, o parcial Juiz de Direito da comarca de Princesa, Antônio Dias Pinto, firmou sentença no processo movido por Dulce Campos Leite, em consequência do assassinato de seu marido Ildefonso Augusto Lacerda Leite.

O réu José Polycarpo de Andrade, que estava foragido, deixou de ser julgado, porque já era morto. O alferes Feliciano Rodrigues Florêncio e o padre Manoel Raymundo Nonato Pitta, ambos presos, foram despronunciados e soltos. A parcialidade da Justiça, com o tempo decorrido, parece que considerou Ildefonso como réu e seus desafetos como criminosos em legítima defesa. Puro cinismo!

O alferes voltou à vida normal em Princesa, como fazendeiro, capitalista e político; o padre se refugiou sob a proteção de dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, na cidade da Parayba (atual João Pessoa).

Manoel Raymundo Nonato Pitta, o maldito e bandido padre, tinha 34 anos, na ocasião do crime. Era amigo dos dois jovens assassinos e inimigo de Ildefonso, por causa do seu anti-clericalismo. Foi mandado para Touros (RN) e depois para a Bahia (FCF).

Paraibano de Cajazeiras, nasceu em 1º de janeiro de 1867, ordenou-se no Seminário de Manaus (AM); faleceu em Barbalha (CE), aos 22 de janeiro de 1935 – na matrícula no Seminário, está que nasceu em Missão Velha (CE), em 21 de março de 1887. Provido de ordens em Milagres (CE), e vigário em Santanópole (CE), Corrente (PE) e Juazeiro (BA). Lente do Seminário da Paraíba (Mota, 1958: 192; Silveira, 2004, *III* : 150).

O processo original desapareceu do Cartório de Princesa Isabel nos anos 50 (século XX) – (FCF).

O cadáver do médico, logo após o crime, foi enterrado como de indigente, em cova rasa, com os pés de fora. Não se sabe quem lhe deu sepultura condigna. Dois anos depois, sua irmã Emília exumou os restos mortais e os levou para Lavras.

Falou-se, tempos depois, que os ossos de Ildefonso estavam guardados na alcova da avó, na casa-grande do Tatu, em caixa de madeira (Paiva, 2008). Agora estão em túmulo no cemitério de Lavras (Figura 10), mandado construir pelo irmão Amâncio Lacerda Leite. Pode ser que isto tenha ocorrido após a morte da avó matriarca (1919).

O túmulo de Erasmo Alves Campos, sua filha Dulce Campos Leite e a neta Cecília Campos Leite, está no cemitério de Santo Amaro (Recife – PE) – (Figura 11).

Figura 10 – Túmulo de Ildefonso Augusto Lacerda Leite, no cemitério de Lavras (CE), mandado construir pelo irmão Amâncio Lacerda Leite. Foto de Cristina Couto

Figura 11 – Túmulo da família de Erasmo Alves Campos, no cemitério de Santo Amaro (Recife – PE). Cortesia de Célia Maria Campos.

Agradecimentos: Agradecemos a Célia Maria Campos, Dimas Macedo, família Queiroz Campos (Dulce, Juarez, Marluce e Suzana), Francisco de Carvalho Florêncio, Francisco Pereira Lima, George Emilio Bastos Gonçalves, Joaquim Osterne Carneiro, Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, José Émerson Monteiro Lacerda, José Romero de Araújo Cardoso, Maria Arair Pinto Paiva, Marize Procópio, Mônica Barros da Nóbrega, Paulo Mariano, Severino Carlos de Andrade e Vicente Ferrer Augusto Gonçalves, pelas ajudas que nos deram na elaboração deste trabalho.

Notas dos autores

1 – A vila de Princesa passou a cidade, com o mesmo nome. Somente em 15/11/1938, recebeu a atual denominação de Princesa Isabel.

2 – A antiga cidade de Lavras, desde 30/12/1943, é chamada Lavras da Mangabeira.

Bibliografia

Almeida, M. A. – 1979 – *Cadeira número sete*. Academia Paraibana de Letras, 77 pp., João Pessoa.

Campos, E. A. – 1902 – *Memorial. Assassinato do distincto clínico Dr. Ildefonso Leite, no dia 6 de janeiro findo, em PRINCEZA, na Parayba do Norte.* Typ. Economica, 17 pp., Fortaleza.

Galeno, A. S. – 1988 – *Território dos Coronéis.* Editora Henriqueta Galeno, 127 pp., Fortaleza.

Gonçalves, R. M. A. – 1991 – *A vocação política de Fideralina Augusto Lima*. Imprensa Oficial do Ceará, 37 pp., ilus., Fortaleza.

Leite, I. A. L. – 1900 – *Ensaios de philosophia natural*. Typographia Guimarães, 95 pp., Rio de Janeiro.

Lima, G. A. – 1959 – *Cangaceiros.* Edição do autor, 19 pp., Recife.

Lucena, T. – 2010 – *Peste e Cobiça: A inveja e o ódio contra o amor no alvorecer do século XX.* Edição eletrônica, 124 pp., [Princesa]. E-mail do autor: <tiaolucena@gmail.com>.

Macedo, J. – 1971 – *Os Augustos* – Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 138 pp., Fortaleza.

Macedo, J. – 1979 – Lavras da Mangabeira – dos primórdios a vila. *Rev. Inst. Ceará,* Fortaleza. *99* : 222 – 248.

Macedo, J. – 1984 – *São Vicente das Lavras*. Secretaria de Cultura e Desporto, 144 pp., [VI] ests., Fortaleza.

Macedo, J. – 1990 – *Império do Bacamarte : uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense*. Universidade Federal do Ceará, 274 pp., Fortaleza.

Mariano, P. – 2015 – *Princesa: antes e depois de 30*. Idéia Editora, 245 pp., [41] figs., João Pessoa. (Segunda edição revista e ampliada).

Mota, L. – 1958 – Datas e fatos para a história do Ceará. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, *72 :* 161 – 217.

Nóbrega, A. F. B. – 2013 – *Feliciano Rodrigues Florêncio : o moço, o major, o velho.* Ideia Editora, 446 pp., [62] figs., João Pessoa.

Paiva, M. P. – 2008 – *Uma Matriarca do Sertão : Fideralina Augusto Lima (1832 – 1919)*. Edições Livro Técnico, 156 pp., 26 figs., Fortaleza.

Parahym, O. – 1961 – *Endemias Brasileiras*. Universidade do Recife / Imprensa Universitária, 477 pp., [34] figs., Recife

Pinto, A. D. – 1994 – *Coronel Zuza e a República da Estrela.* Cia. Editora de Pernambuco, 122 pp., [1] est., Recife.

Silveira, A. D. – 2004 – *Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)*. Premius Editora, volume *III*, 512 pp. [125] Fortaleza.

Studart, G. (barão) – 1910 – *Diccionario bio-bibliographico cearense*. Typo-Lithographia a Vapor, VIII + 518 + VI pp., [1] est., Fortaleza.

Teixeira Neto, D. – 1999 – *Discurso de posse do acadêmico Dorgival Teixeira Neto, em 17 de junho de 1999.* Academia Paraibana de Letras, 52 pp., João Pessoa.

Teixeira Neto, D. – 2002 – Morte cruel de um médico há cem anos. *Correio da Paraíba,* [João Pessoa], ed. 06/01/2002.

Resumo: Este trabalho trata do assassinato do médico Ildefonso Augusto Lacerda Leite, na então vila de Princesa (PB), em 6 de janeiro de 1902. Após breve esboço biográfico da vítima, os autores discutem os motivos por ter ele procurado tal lugar para exercer sua profissão. Depois fazem um relato dos antecedentes e da execução do delito, levantando dúvidas e mistérios. Por fim, tratam das consequências do crime e da pretendida vingança de Fideralina Augusto Lima, avó materna do jovem morto. Não houve mais derramamento de sangue, porque os principais criminosos morreram pela peste. Discutem-se os destinos tomados pelas vidas de pessoas ligadas a esta tragédia.

Abstract: This paper deals with the murder of physician Ildefonso Augusto Lacerda Leite, occurred in then called village of Princesa (PB), on January 6th, 1902. After the victim's short biography, the authors discuss the reasons behind Ildefonso's choice to practice his profession in such place. Concerning the crime, the authors report its planning and implementation, questioning some inconsistencies. As Fideralina Augusto Lima was maternal grandmother of the deceased, the authors consider the possible outcomes of the crime and her pretended revenge. There was no more bloodshed, nevertheless, as the main criminals succumbed to the plague. Finally, the paper describes the fate of the persons connected to the tragedy.